

Seja uma ferrovia brasileira
ou um brinquedo alemão ...

www.tuv.com

TÜVRheinland®
Precisely Right.

... nós garantimos qualidade
e máxima segurança.

www.tuv.com

TÜVRheinland®
Precisely Right.

EDIÇÃO BRASIL & ALEMANHA

OUTONDO 2015

Para a Alemanha, o Brasil é um parceiro significativo em muitas áreas – da economia à proteção ambiental. Essa importância foi destacada em recente visita da Chanceler alemã Ângela Merkel a Brasília para as primeiras consultas governamentais entre os dois países. A indústria alemã quer apoiar ativamente o Brasil na modernização de sua economia



Cenas coloridas do mercado de Salvador da Bahia, é o que mostra esta pintura de um artista desconhecido. O Brasil no mundo real também é um parceiro de negócios muito requisitado. A Alemanha é, após a China, os Estados Unidos e a Argentina, o 4º maior parceiro econômico do país

É preciso agir

HILDEGARD STAUSBERG

Para o Brasil, o ano de 2015 é um ano "sanduíche". A Copa do Mundo de 2014 já passou e os Jogos Olímpicos de 2016 ainda estão por acontecer. Para a relação Brasil-Alemanha há, porém, neste ano, dois acontecimentos de muita importância: na área da política, as primeiras consultas governamentais bilaterais em meados de agosto – coroadas pelo encontro entre a Presidente Dilma e a Chanceler alemã Ângela Merkel; na área econômica, o acontecimento do 33º Encontro Econômico Brasil – Alemanha, desta vez em Joinville, a maior cidade do próspero estado do Paraná.

A composição da delegação governamental alemã não deixou nenhuma dúvida sobre a importância atribuída por Merkel às relações entre o Brasil e a Alemanha: a Chanceler alemã esteve acompanhada pelo ministro do Exterior Frank-Walter Steinmeier, pela ministra do Meio Ambiente Barbara Hendricks, pelos ministros do Desenvolvimento Gerd Müller, da Saúde Hermann Gröhe, dos Transportes Alexander Dobrindt, da Agricultura Christian Schmidt e da Ministra do Estado da Cultura, Monika Grütters. Com essas primeiras consultas governamentais, o Brasil entrou no pequeno círculo de países com os quais a República Federal da Alemanha mantém relações especialmente estreitas: visitas mútuas de gabinete acontecem apenas com a França, a Itália, a Polónia, a China, a Índia e com Israel. A Chanceler alemã deixou claro porque o Brasil agora faz parte: "O Brasil é nosso país parceiro principal na América Latina e a extensão das relações em larga escala é de interesse fundamental para o meu governo."

Tendo em vista a Cúpula da Proteção Climática, que acontecerá no final do ano em Paris, Ângela Merkel considerou um sucesso muito significativo a concordância entre o Brasil e a Alemanha em trabalhar de forma mais estreita na política climática: no final da visita, Dilma Rousseff anunciou uma saída gradativa do Brasil da utilização de carvão, petróleo e gás, para contribuir para a meta mundial de reduzir o aquecimento global a 2%. Além disso, as empresas alemãs – que são cerca de 1.600 no país – esperam agora poder participar do novo programa de infraestrutura do governo brasileiro; no passado poucas empresas estrangeiras se candidataram, devido aos muitos obstáculos burocráticos e protecionistas – o chamado "Custo Brasil".

Agora toda uma nova área de negócios de energias renováveis está se abrindo no Paraná. O estado no sul do país pretende assumir o papel de precursor e ser o primeiro a entrar na produção em massa de células solares. Mas não só isso: deve ser

construída toda uma cadeia de aproveitamento, que vai do processamento do próprio silício em "Green Silicon Valley" até a exportação de módulos solares. Há pouco, *experts* alemães apresentaram uma pesquisa de viabilidade para este projeto bilionário, na qual chegaram à conclusão que o empreendimento é viável, gerará lucros e poderá ser realizado dentro de poucos anos.

A Alemanha representa, após a China, os Estados Unidos e a Argentina, o quarto maior parceiro econômico do Brasil. Por isso, os alemães pretendem mostrar presença no Brasil e "ficar com a bola no pé". Ulrich Grillo, presidente da Federação da Indústria Alemã (BDI, na sigla em alemão), afirma: "A indústria alemã está pronta para apoiar ativamente o Brasil na modernização de sua economia. Para isso, porém, necessita-se de condições básicas corretas; principalmente as reformas estruturais, por exemplo da legislação tributária e trabalhista, devem ter prioridade." A indústria automobilística alemã já tomou a dianteira: as grandes marcas do setor estão investindo muitos milhões em fábricas novas e, com isso, geram novos empregos e melhoram a infraestrutura.

No entanto, a situação do Brasil não está fácil: o país se encontra numa crise acentuada. O Produto Interno Bruto (PIB) terá recuo de 2% neste ano, os investimentos caíram em 9%. A produção industrial registrou uma queda de 6,3% no primeiro semestre e a inflação se aproxima perigosamente da marca dos 10%. Além disso, o real perde cada vez mais valor frente ao dólar – e não se pode avaliar a duração deste processo. Pesa muito, também, a crise política atual, com

intermináveis novas revelações sobre a estatal petrolífera "Petrobras" e a sua rede de malha fina de "dependências". Trata-se de propinas no valor estimado de 4 milhões de dólares. Há tempos, empresários conhecidos estão atrás das grades, como, por exemplo, os chefes das duas maiores empresas de construção do país, assim como altos funcionários da própria Petrobras. Outras empresas federais, como o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDS) e a Eletrobras, também estão na mira dos investigadores.

No entanto, o que mais revolta os ânimos dos brasileiros são as incessantes revelações a respeito da prática de corrupção da classe política no país. Nelas, o Partido dos Trabalhadores (PT), que governa desde 2003, está claramente no foco das investigações, mas também o partido de coligação, o PMDB, está caindo cada vez mais no turbilhão dos acontecimentos. Dilma Rousseff, que foi reeleita no outono de 2014, já perdeu dramaticamente a aceitação da população nos últimos meses. Pesquisas mostram que, atualmente, menos de 10% dos brasileiros a apoiam. Se isto não bastasse, o Tribunal de Contas da União (TCU) está investigando, se ela adulterou de forma ilegal os números do déficit do Estado em sua primeira gestão.

Assim, não é de se estranhar que uma parte crescente da população entende que a presidente deva renunciar, deixando o caminho livre para um novo recomeço. A sucessão de todas estas revelações, no entanto, teria sido impensável, se o Brasil não dispusesse – como é o caso da Argentina ou da Venezuela – de um poder judiciário atuante e independente, apoiado de forma decisiva por uma imprensa, que, por sua vez, também contribuiu em muito para que os escândalos de corrupção não "acabassem em pizza". Ambos – um sistema judicial independente e uma imprensa corajosa – são dois fatores importantes para um processo de renovação, que o país necessariamente terá que percorrer para a retomada de um caminho positivo.

No final de 2014, Dilma Rousseff deu um exemplo promissor em nomear Joaquim Levy, um banqueiro renomado internacionalmente, como novo ministro da Fazenda. Ele deve resolver a situação financeira do país e assim, reestabelecer a confiabilidade do Brasil no exterior. No entanto, quase um ano depois, embora ele queira prescrever o remédio certo, obteve pouco apoio ao seu programa de austeridade. As resistências no governo e no congresso contra o seu "remédio amargo" são fortes. Rousseff parece querer mantê-lo, mas o seu sucesso ainda está incerto.

O conteúdo desta edição – incluindo um PDF navegável em português – encontra-se em: www.welt.de/brasilien

BRASIL NUM PISCAR DE OLHOS

Área: 8,5 milhões de km² (5º maior país do mundo)

Capital federal: Brasília

Língua oficial: português

Moeda: Real (R\$),

1 R\$ equivale a 100 centavos

Atual taxa de câmbio: 1 Euro = 4,24

Reais (setembro de 2015)

População: com 202,6 milhões de habitantes (2014) o Brasil é o país mais populoso da América do Sul (ocupa o 5º lugar mundial)

Cidades: as cidades mais populosas são São Paulo (11,9 milhões), Rio de Janeiro (6,47 milhões), Salvador (2,92 milhões), Brasília (2,91 milhões), Fortaleza (2,59 milhões), Belo Horizonte (2,5 milhões) e Manaus (2,05 milhões)

CONTEÚDO

2 Adeus aluno exemplar

A economia do Brasil está abalada, mas pelo menos o setor automobilístico está em alta

2 Nova era

A feira Urban Tech almeja iniciar a expansão tardia da infraestrutura

3 Com a força do sol

Paraná quer ser o primeiro estado federal a construir uma indústria solar completa

4 O grão verde é o que interessa

Após duas secas, cultivadores de café querem inovar e já pensam no mercado orgânico

6 O Rio lá do alto

Subir os rochedos da capital carioca é exaustivo, mas a aventura compensa

6 De olho em jovens artistas

A arte brasileira abandona as tradições e vira um atrativo para o mercado internacional

7 Monumental e misterioso

Berthold Zilly ousa com nova tradução do livro "Grande Sertão: Veredas"

8 Paraíso das pipas

A Região Nordeste oferece praias dos sonhos, calmaria e boas condições para esportistas



Buildings

Industrial plants

Infrastructure

Your partner for construction projects in Brazil.



HOCHTIEF
DO BRASIL

A ZECH GROUP company

www.hochtief.com.br

www.zech-group.com

Brasil & Alemanha



IMPRESSÕES
DE UM PAÍS

Três personalidades serão premiadas neste ano

Por ocasião do Encontro Econômico Brasil-Alemanha, que acontece anualmente, serão premiadas duas personalidades que merecem destaque pelos seus empenhos profissionais e pessoais nas relações de cooperação entre os dois países. Do lado brasileiro, o prêmio será entregue a Weber Porto e do lado alemão, a Heinz Hermann Thiele. Além disso, um prêmio especial de jornalismo foi criado e será entregue à correspondente para a América Latina do jornal alemão "Die Welt", Hildegard Stausberg. O empresário **Weber Porto** é o Presidente da Evonik Degussa Brasil Ltda e começou a sua carreira de engenheiro químico na Evonik Degussa em 1983

- mais especificamente na Joint Venture Metacril - esteve na Alemanha pela primeira vez em 1984 e dirigiu em seguida o departamento de Química Inorgânica, no Brasil.

Após exercer várias atividades na empresa, assumiu em 2000 a presidência da Evonik Degussa Ltda e, a partir de 2001, também a responsabilidade pela América Central e do Sul. Em fevereiro de 2005 voltou à Alemanha para conduzir a reorganização da filial corporativa do grupo. Com a fundação do grupo Evonik Degussa, foi convocado pela Evonik, a partir de 2007, para ser presidente da empresa na América Latina com sede no Brasil. Adicionalmente, Weber Porto exerce cargos honoríficos, entre os quais, o de presidente da Câmara de Comércio e Indústria Brasil-Alemanha, membro do conselho do Hospital Oswaldo Cruz e coordenador empresarial da Agribusiness Iniciativa Brasil-Alemanha.



O empresário **Heinz Hermann Thiele** é presidente do conselho da Vossloh AG e dono da Knorr-Bremse AG, um dos líderes mundiais na produção de sistemas de frenagem para veículos utilitários e ferroviários. Thiele é um clássico *selfmademan*; iniciou a sua carreira como funcionário na Knorr-Bremse em Munique, dez anos mais tarde foi promovido à diretoria e se tornou, desde

1985, não só gerente executivo como também dono da empresa. A Knorr-Bremse chegou ao Brasil em 1977 e consta hoje como líder no mercado de sistemas de tecnologia de freios e componentes na América do Sul. Há dois anos foram investidos 40 milhões de euros na construção de uma nova fábrica para desenvolvimento, produção e vendas em Itupeva, substituindo a antiga planta em São Paulo, que havia chegado ao seu limite de capacidade devido ao crescimento de sua produção nos últimos anos.



A jornalista **Hildegard Stausberg**, após estudar Política, Economia Popular, História e Direito nas universidades de Hamburgo, Colônia e Buenos Aires, respectivamente, doutorou-se em 1975 com a tese "Argentina e a Revolução Libertadora entre 1955 e 1958". De 1980 a 1987 foi correspondente pelo jornal alemão Frankfurter Allgemeine Zeitung para a América Latina. De 1988 a 1993 atuou no México, na América Central, na Venezuela e no Caribe. A partir de 1º de maio de 1993, Hildegard Stausberg dirigiu os programas ibero-latino-americanos da Deutsche Welle em sua cidade natal de Colônia, e entre 1994 e 1999 foi redatora-chefe responsável para todos os programas de línguas estrangeiras da DW. Em agosto de 1999 mudou-se para Berlim, assumindo o cargo de chefe do Departamento de Política Externa do jornal "Die Welt", para o qual também é correspondente diplomática desde 2001. Além disso, Hildegard Stausberg é presidente honorífica do Clube da Imprensa de Colônia e membro do conselho da Associação da América Latina (LAV) na Alemanha.



PETER RÖSLER

Era uma vez um país fabulosamente rico, no qual, mesmo assim, muitas pessoas viviam na miséria. Surgiu então, do meio deste povo, um presidente que aproveitou o momento favorável. Com a ajuda do aparelho estatal promoveu o crescimento e uma melhor distribuição de renda, diminuiu a pobreza e protegeu as empresas nacionais da concorrência internacional. O Brasil continua fabulosamente rico, mas o momento favorável passou. A receita, através da exportação de matérias primas, não está tão forte como antes. O baixo preço do petróleo tornou a extração dessa matéria-prima, localizada nas profundezas marinhas, um empreendimento pouco lucrativo. O consumo interno está encolhendo devido à inflação e ao endividamento, o que diminui o poder de compra de grande parte da população. A economia nacional já está estagnada há quatro anos e para o ano de 2015 espera-se um recuo de 2%. As expectativas para o ano de 2016 também não deixam espaço para muito otimismo. Existe a ameaça da pior crise econômica em 25 anos.

As possibilidades de medidas governamentais para a flutuação e promoção do mercado nacional ficaram claramente mais limitadas, o que afetará muitos setores que até agora podiam contar com reduções nas taxas de impostos e subvenções, e ainda estavam protegidos através da alta tributação dos produtos importados e por regulamentos internos. Quem arca com tudo isso é o país todo. Esta política não só diminuiu a capacidade de competição do Brasil a nível internacional, como também é uma das causas do chamado "custo Brasil", que encarece a produção interna através de impostos, custos salariais e despesas logísticas altas. Mas não só as empresas industriais brasileiras enfrentam problemas com a exportação de seus produtos, pois os exportadores de matérias-primas também sentem os ventos desfavoráveis no mercado mundial. Para os produtos de extração mineral a procura diminuiu consideravelmente. Paralelamente a isto, o nível dos preços das matérias-primas sofreu uma queda considerável. No primeiro semestre de 2015, o Brasil só conseguiu obter um pequeno *superávit* na balança do comércio exterior de 2,2 bilhões de dólares. Em 2014, no entanto, o país teve de aceitar um *deficit* de 4 bilhões de dólares. Ainda assim, o Banco Central do Brasil continua a dispôr de altas reservas de divisas, no valor de 360 bilhões de dólares.

A recessão da economia brasileira está sendo acompanhada pela desvalorização da moeda nacional. Entre janeiro de 2014 e julho de 2015, o valor do dólar em relação à moeda nacional subiu de 2,40 para 3,34 reais. No entanto, isto não é uma notícia de todo ruim, pois com esta desvalorização serão beneficiados não só os exportadores do Brasil, como também o comércio de produtos industriais nacionais de alto custo no mercado interno. Isso acontece devido ao aumento dos preços de produtos importados. Mesmo assim, o alto endividamento da classe média e a aceleração da inflação para 9% fazem parecer pouco provável uma breve recuperação do consumo interno. O governo tenta controlar o nível da inflação com a ajuda da elevação dos juros. No final de julho deste ano, o Banco Central do Brasil aumentou a taxa básica de juros para 14,25%, o que colocou o Brasil novamente na posição de liderança a nível



Presidente Dilma Rousseff e a chanceler alemã Angela Merkel durante encontro em agosto de 2015. Entre os anúncios da presidente do Brasil estiveram o combate ao desmatamento ilegal de florestas e medidas de reflorestamento

Um modelo exemplar que hoje preocupa

Sem sinais de recuperação, a economia brasileira segue na turbulência. Já o setor automobilístico parece seguir outra direção



Produção do modelo Saveiro em São Bernardo do Campo mostra que a Volkswagen também segue investindo no Brasil

mundial dos juros reais. Talvez estas medidas até consigam desacelerar a inflação, mas o aumento da taxa de juros também freia o crescimento, uma vez que encarece os investimentos.

A vontade de investir no Brasil também está sofrendo o reflexo dos escândalos de corrupção, que alcançaram um patamar nunca antes visto. A Petrobrás, tradicional carro-chefe da economia nacional, foi a mais atingida, mas existe o envolvimento de muitas outras

empresas. Com isso a confiança dos investidores internacionais no Brasil está visivelmente abalada, pois não só existe a ameaça de instabilidade política, como também há um impasse para as reformas no parlamento nacional. A contínua recessão levou a uma piora da situação orçamental do governo brasileiro. A agência de classificação de risco americana Standard & Poor's baixou a perspectiva para o Brasil, de "estável" para "negativo". Em agosto foi a vez da Moody's, que dimi-

nuiu o grau de confiabilidade de investimentos no país ao nível mais baixo; aumentou, porém, a perspectiva de investimentos para "estável". Com isso, o Brasil ganhou tempo para respirar.

A presidente Dilma Rousseff há muito tempo percebeu que uma mudança de direção é inevitável. Em sua agenda do segundo mandato consta, entre outras medidas, uma redução drástica das despesas governamentais. Porém, devido aos escândalos de corrupção, está incerto se

ela poderá obter o suporte político parlamentar necessário para medidas de austeridade. Uma parte crescente dos parceiros políticos aliados e até mesmo parte de seus próprios membros partidários estão se distanciando dela. Duvidoso é, também, se o governo está realmente disposto a ir tão longe. A diminuição das estimativas dos *superávits* primários não é um bom sinal.

Na avaliação do Fórum Econômico Mundial, o Brasil ocupa, no que se refere à infraestrutura mundial, o 120º lugar dentre 144 países. Dilma quer fazer com que esta deficiência se torne um estímulo para o crescimento: anunciou projetos no valor total de 64 bilhões de dólares para a expansão da infraestrutura nas redes rodoviárias e ferroviárias, assim como nos aeroportos e nos portos fluviais e marítimos. No entanto, os meios para tais investimentos devem ser levantados pela economia privada, o que exigiria uma mudança radical das condições gerais sócio-econômicas.

Infelizmente, reformas estruturais abrangentes nos setores de impostos, custos salariais, legislação trabalhista, seguros sociais e infraestrutura, assim como na educação e na política, não estão à vista. Em vez disso, o governo se esforça apenas em solucionar os novos problemas que surgem. O Brasil sabe que o combate à corrupção tem que ser uma prioridade absoluta, mas a questão é saber até que ponto o governo quer investir nisso.

A boa notícia é que, apesar da instabilidade da política e da recessão, empresas automobilísticas como Audi, BMW, Mercedes e Volkswagen estão realizando grandes investimentos no país. A intenção é produzir para o setor de mercado da classe alta, onde ainda existe dinheiro. Só em 2014, os distribuidores alemães foram responsáveis por 3/4 da demanda brasileira por carros de luxo, por exemplo. O reforço nos trabalhos da Comissão para a América Latina da Volkswagen comprovam também o interesse no mercado brasileiro. Com a comissão iremos ampliar ainda mais a cooperação da economia alemã com a região, que é muito importante para as empresas alemãs, ressaltou Andreas Renschler, presidente da comissão, enfatizando também o dinamismo do mercado brasileiro.

Com mais de 260 milhões de dólares, a BMW também ergueu uma nova fábrica em Santa Catarina, enquanto a Audi está investindo 195 milhões de dólares em sua fábrica no interior do Paraná. Já a nova fábrica da Mercedes, em Itapetininga, no Estado de São Paulo, custará 200 milhões de dólares com o início da produção prevista para 2016. "Acreditamos firmemente no potencial de crescimento do mercado brasileiro", observou Philipp Schiemer, presidente da Mercedes-Benz do Brasil, durante a inauguração da obra. Entre 2010 e 2020, a empresa visa quadruplicar o número de vendas de carros de luxo.

Conforme dados da Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores - ANFAVEA - a venda de todo o setor recuou, porém, no primeiro semestre de 2015 em 21%, em relação ao ano anterior. Apesar disso, estão previstos investimentos até mesmo no setor de carros populares, destacando a Land Rover e a Fiat, assim como produtores chineses, coreanos e japoneses. A General Motors, em cooperação com a Shanghai Automotive Industry Corp., uma multinacional chinesa, anunciou investimentos no valor de 2 bilhões nos próximos anos no Brasil. Um voto de confiança impressionante no setor.

As cidades estão explodindo

A feira "Urban Tec Brasil" reúne tomadores de decisão e pretende iniciar com urgência a ampliação da infraestrutura

ALBERT KOCK

Quem desembarca no Aeroporto Internacional Antônio Carlos Jobim, no Rio de Janeiro, para seguir de táxi ou de ônibus em direção ao centro da metrópole do Pão de Açúcar, imediatamente percebe os desafios existentes nos grandes centros de aglomeração urbanos no Brasil ou em toda América do Sul. O trânsito nas ruas do Rio, bem como as conexões para as outras grandes cidades no sul do Brasil, cresceu dramaticamente. A construção de novas conexões de transportes urbanos e inter-urbanos, como também as de transporte de bens, que vem crescendo de forma exorbitante, não acompanha, nem de longe, as necessidades do número crescente de seus usuários. As grandes cidades brasileiras estão literalmente explodindo. O governo federal, assim como as metrópoles com suas áreas de aglomeração, tem grande necessidade de renovação.

Diversos estudos e pesquisas sobre os espaços urbanos no Brasil revelaram: deve-se investir de forma rápida e sus-

tenível na infraestrutura. Não somente na infraestrutura do trânsito, mas também no fornecimento de energia, na gestão do lixo e do fornecimento de água, como também na qualidade da administração pública. Em comparação com o Rio, a megacidade mais importante do Brasil - São Paulo, torna-se ainda mais claro: ruas congestionadas até onde os olhos alcançam e transporte coletivo sobrecarregado nas horas do *rush*. Isto foi reconhecido também pela Fundação Getúlio Vargas (FGV), o maior e mais importante *think-tank* do Brasil, que propõe mudanças imediatas. Em virtude do seu tamanho e da sua importância, a FGV exerce influência considerável sobre as estratégias e medidas do governo brasileiro, bem como de seus 27 estados federados.

Em conjunto com a Koelnmesse GmbH, a FGV promove um congresso próprio: a Urban Tec Brasil, que visa analisar e desenvolver soluções e modelos práticos sob o lema "Smart Solutions for better Cities" e contará com a participação de experts do mundo todo. "A

fábrica de pensamentos brasileira - FGV - é o parceiro ideal para acompanhar temas tão importantes para o Brasil como o desenvolvimento das cidades e todo o desenvolvimento da infraestrutura", afirma o Consul Geral da Alemanha no Rio de Janeiro, Harald Klein. Foi ele que uniu a FGV e a empresa de feiras alemã.

Convidados para a Urban Tec Brasil serão principalmente os responsáveis por tomadas de decisões no campo da política e da administração das grandes e médias cidades brasileiras. A feira acontecerá de 30 de setembro a 2 de outubro de 2015, no novo Centro Cultural da Fundação Getúlio Vargas no Rio, no bairro do Botafogo. Em 2016 serão realizados os Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro, e, atualmente, a cidade aparenta ser uma única obra de construção gigantesca. Afinal, devem ser construídos novos locais de competição, a Vila Olímpica e o centro de mídias. Além disso devem ser expandidas as linhas de metrô e muitas ruas devem ser renovadas ou ampliadas. "Nós vemos a primeira Urban Tec Brasil a ser realizada no Rio de

Janeiro como um evento importante para tratar de temas tão vitais para o Brasil e para acompanhar de forma profissional todo o processo de transformação das grandes cidades brasileiras e suas áreas de aglomeração", diz Gerald Böse, presidente administrativo da Koelnmesse GmbH. Há outros que também se en-

Investimentos em energia, água, lixo e administração precisam acontecer rápido

gajam no Brasil, conforme informou a Comissão de Feiras e Exposições da Indústria Alemã (AUMA): a Feira de Nuremberg GmbH, a Feira Alemã AG Hannover, a Feira de Düsseldorf GmbH, a

Feira de Essen GmbH, bem como a Feira de Freiburg GmbH & CO. KG.

Um total de dez feiras foram realizadas no Brasil em 2014 por organizadores alemães e para 2015 são previstas doze delas. Com isso, o Brasil representa, para os organizadores alemães, o maior mercado de feiras da América Latina, sendo São Paulo a cidade mais importante, seguida por Caxias do Sul e Curitiba. São realizadas feiras no Brasil nas áreas de processamento de metais, técnicas de fundição, energias renováveis, logística, técnicas de laboratório e de medicina, assim como máquinas de embalagem de nutrientes. "O Brasil é, devido ao seu tamanho, ao seu desenvolvimento econômico dos últimos anos e ao seu grande potencial, um mercado interessante para empresas estrangeiras e assim também um lugar atraente para organizadores de feiras da Alemanha", diz Marco Spinger, diretor-chefe do setor de mercados globais da AUMA.

Mais informações: www.auma.de www.urbantec-brasil.com

Brasil & Alemanha

JOCHEN CLEMENS

O sol brilha quase sempre em todos os lugares do Brasil. A consequência lógica seria o país utilizar este benefício e ser um dos maiores produtores de células e instalações de energia solar já há muito tempo. Mas longe disso, “o Brasil é 20 vezes maior que a Alemanha, no entanto disponibiliza apenas 1/1000 de energia solar em relação a empresas alemãs”, diz Carsten Tschamber, diretor-chefe da Solar Cluster de Baden-Württemberg na Alemanha. “Isto representa abaixo de 30 megawatts”. É um valor baixíssimo, quando se considera o potencial de energia do Brasil e que o pior lugar de iluminação solar no Brasil produziria 50% a mais que o local mais iluminado pela luz do sol na Alemanha.

Após o Estado do Paraná anunciar que decidiu usar energia solar e que objetiva construir uma cadeia de painéis solares, a Solar Cluster pediu a um de seus 40 membros a realização de um estudo de viabilidade para a produção de energia elétrica a partir de sistemas fotovoltaicos. O resultado do estudo feito pelos pesquisadores do Centro de Pesquisa de Energia Solar e Oxigênio de Baden - Württemberg na Alemanha (ZSW), que contou com a participação de dois dos Institutos Fraunhofer, mostrou com toda a clareza: sim, não só é possível, mas também absolutamente aconselhável.

Com a ajuda da ZSW deve-se iniciar agora no Estado do Paraná a produção de módulos fotovoltaicos. Caso tenha êxito, outras regiões do país poderão seguir este exemplo e criar para o Brasil uma fonte econômica adicional, urgentemente necessária atualmente. No caso do uso de energia solar e eólica, o Brasil ainda é um país em desenvolvimento: hoje em dia somente um por cento de toda a obtenção de energia é gerado por essas duas formas regenerativas de produção. É uma consequência das metas dos anos 70, pelas quais se investiu principalmente nas construções de grandes usinas hidroelétricas e barragens. Assim, até hoje o Brasil gera a maior parte de sua energia pelo poder hidráulico.

As condições para se estabelecer a utilização de energia solar, inicialmente no Estado do Paraná, que faz fronteira com o Paraguai, são as melhores possíveis. Várias associações empresariais e de energia, assim como o fornecedor de energia paraguaio-brasileiro Itaipu, já sonham com um “Green Silicon Project” e a construção de uma indústria nova com uma cadeia completa de valores, que deve abranger a provisão e o processamento de, aproximadamente, 10 mil toneladas de silício por



Sol a vista: Estado do Paraná dá um importante passo na geração de energia solar e com o „Green Silicon Valley“ pretende consolidar uma cadeia completa de valor

O Estado do Paraná quer investir mais na produção de energia solar. Um estudo de viabilidade indica boas oportunidades também para as empresas alemãs



Das Stadion in Belo Horizonte mit der imposanten Photovoltaik-Anlage

ano à produção de módulos solares. Há, no entanto, atualmente uma situação curiosa: embora o Brasil possua um notável volume do semi-metal silício, usado na fabricação de células solares, exporta a grande maioria dessa matéria-prima. Um dos maiores compradores é a China, que com ela produz de forma barata células solares, que por sua vez são compradas pelo Brasil, já que a fabricação própria é mais cara. Isto, agora, deve mudar.

A sede da nova era solar será a usina hidroelétrica de Itaipu, operada em conjunto pelo Brasil e o Paraguai. Com uma geração de 14 gigawatts figura entre as maiores do mundo. A planejada fábrica de energia fotovoltaica deve ser levantada em suas imediações e ser operada por sua energia. Desta forma pode-se produzir os módulos solares “totalmente livres de emissão de CO₂”, informou a ZSW. Favoravelmente, a localização da maioria das 200 empresas brasileiras atuantes na indústria solar se concentra no sul do país, sendo a maioria pequenas ou microempresas.

Carsten Tschamber cita a produção de células solares com uma geração total de um gigawatt ao ano como ponto de referência. “Precisa-se disso para fazer frente aos chineses”, explica. Os

custos para este projeto ambicioso estão na casa de bilhões. “Não precisam vir de um único investidor, podem ser de vários”, diz ele. Para a realização do projeto, existe uma estimativa de três a cinco anos. “Poderia ser mais rápido, mas não faria sentido, uma vez que ainda falta muito na infraestrutura, como por exemplo, pessoas suficientemente qualificadas.” De qualquer forma, surgem perspectivas lucrativas para as empresas alemãs, uma vez que a competência no setor é conhecida e apreciada. “Recebemos muitos pedidos de consulta aqui,” comenta Carsten Tschamber.

Em 2008, o Brasil e a Alemanha assinaram um acordo de cooperação no setor energético, com foco em energias sustentáveis e sua eficiência energética. Em seguida, já foram realizados vários projetos, entre os quais a instalação de uma geradora de energia fotovoltaica no teto do estádio de futebol “Mineirão”, em Belo Horizonte, produzindo, desde 2013, cerca de 2000 megawatts por ano. A parceria eletrificou também, a seleção de futebol da Alemanha por ocasião da vitória de 7 a 1 contra o anfitrião Brasil, conquistando o título em seguida.



IMPRESSÕES DE UM PAÍS

Escassez de água: metrópoles já sofrem com a seca

No sudeste do Brasil, sofre-se cada vez mais com a falta de água e as grandes cidades, como Rio de Janeiro e São Paulo, são atingidas duramente. Estima-se que na maior cidade do país houve uma diminuição de 30% da água colocada à disposição em relação a janeiro de 2014. O governo do estado de São Paulo tenta solucionar a situação através do desvio de água de rios distantes, enquanto as represas estão cada vez mais secas. O reservatório da Cantareira, a maior represa da região, dispõe atualmente de pouco mais de 14% de sua capacidade normal. Os fazendeiros de todo o estado lamentam a provável perda de colheitas inteiras. Especialistas preveem a pior colheita dos últimos 50 anos. Tal calamidade já era esperada. Existem muitos motivos para que esta ocorra, entre eles, águas contaminadas, bem como o constante desmatamento da floresta tropical. Outros responsáveis pelo problema são o desperdício de água e as redes de fornecimento mal conservadas. Os maiores consumidores da água são a indústria e a agricultura. Em São Paulo e no Rio de Janeiro perde-se de 30% a 40% da água em virtude do antigo e não restaurado sistema de abastecimento, que possui furos e permite o escape de grande volume de água. Tenta-se solucionar o problema com a dessalinização da água do mar e uma poderosa estação de tratamento de águas residuais, com vistas ao reaproveitamento da água dos esgotos. Porém estas medidas são caras e não representam uma solução permanente. Como o Brasil, a princípio, é um país rico em água doce (cerca de 1/8 da água doce de todo o mundo está concentrada aqui), a construção de sistemas gigantescos de distribuição de água, que poderiam transportá-la por milhares de quilômetros, seria a alternativa mais adequada. *cle*

Qualidade de vida, Oktoberfest e turismo

Pedacinho mais alemão do Brasil recebe o Encontro Econômico 2015

PETER RÖSLER

Joinville não é só a sede do Encontro Econômico Brasil - Alemanha deste ano, como também é a cidade mais populosa do estado de Santa Catarina. Foi fundada em 1851 por imigrantes alemães.

O estado onde se localiza é pouco maior que o estado da Bavária, na Alemanha. Entretanto, tem uma população de apenas 6,7 milhões de habitantes. Participa no PIB - Produto Interno Bruto - com 4% e figura assim, em 6º lugar na economia nacional. Há outros fatores de suma importância: Santa Catarina está em posição de liderança nos setores da educação, da assistência médica e da expectativa de vida no Brasil. Atrás apenas de Brasília e dos estados do Rio de Janeiro e do Espírito Santo, o estado dispõe da maior renda per capita do Brasil.

A corrupção é mais baixa que em qualquer outro lugar deste país gigantesco. Esta destacada posição se deve também a uma população extremamente trabalhadora. Quase 45% dos habitantes são de origem alemã ou austríaca e em muitos vilarejos, bem como em cidades, como Blumenau e Pomerode, encontram-se habitantes que falam alemão ou dialetos alemães. A arquitetura também demonstra as origens europeias de onde vieram os imigrantes que a construíram.

O segundo maior grupo da população é formada, com cerca de 30%, de pessoas cujos ancestrais vieram do norte da Itália. Tem presença destacada também os descendentes dos Açores de Portugal e da Polônia. Assim, no total, cerca de 85% da população tem origem europeia.

Santa Catarina dispõe de uma economia ricamente diversificada. A

indústria, responsável por cerca da metade do faturamento econômico, abrange o processamento de metais, engenharia, produção de móveis, carpintaria, mineração de carvão, produção de papel e de alimentos, têxteis e vestuário, cerâmica, plásticos, bem como tecnologia de informática, comunicação e a construção naval. Além disso, Santa Catarina é o maior exportador de carne suína e avícola do Brasil. No total o estado ocupa o 4º lugar nas exportações do país. Os principais produtos agrários são o milho e a soja, sendo que a piscicultura também se destaca. Este estado brasileiro é também a terra de importantes empresas nacionais, entre as quais, a Brasil Foods, o maior produtor alimentício brasileiro, o fabricante de motores elétricos Weg, o produtor de compressores e sistemas de refrigeradores Embraco, como também, a empresa de fundição Tupy, que atua no mundo todo.

Ali também têm suas sedes os grandes produtores de aparelhos eletrodomésticos Consul e Brastemp. Entretanto, o que mais caracteriza a economia do estado é a grande quantidade de pequenas e médias empresas industriais, que somam 45 mil e garantem 800 mil empregos.

De grande importância para a economia do estado é o turismo. As praias de Santa Catarina figuram entre as mais belas do Brasil. Por outro lado, as montanhas e os locais de arquitetura colonial oferecem programas alternativos extremamente atraentes. Outras atrações de destaque são oferecidas por megaeventos culturais como o Festival de Dança de Joinville e a Oktoberfest de Blumenau, tida como a segunda maior do mundo. Santa Catarina é visitada anualmente por turistas nacionais e internacionais em igual número ao de seus habitantes.



Em Joinville, organizadores do Encontro Econômico Brasil-Alemanha 2015 mostram que a influência da cultura dos ancestrais ainda é muito forte na região

ANZEIGE

koelnmesse
we energize your business | since 1924

É hora de novos contatos no Brasil

No Brasil criamos com nossas feiras excelentes contatos de negócios além de oferecermos serviços de primeira classe ao mais alto nível internacional. Nosso foco no Brasil está nos setores de ponta como tecnologias alimentares e infra-estrutura urbana e na moda infantil. Combinamos grandes idéias e pessoas com visões do mundo inteiro.



Nossas feiras no Brasil - 2015	
UrbanTec Brasil*, Rio de Janeiro Soluções Inteligentes para Cidades Melhores	30.09. - 02.10.
46ª FIT 0/16 (Winter Edition)*, São Paulo Feira Internacional do Setor Infante-Juvenil-Bebê	22.11. - 25.11.
Nossas feiras no Brasil - 2016	
47ª FIT 0/16 (Summer Edition)*, São Paulo Feira Internacional do Setor Infante-Juvenil-Bebê	02.06. - 05.06.
Pueri Expo*, São Paulo Feira Internacional de Negócios em Puericultura	02.06. - 05.06.
ANUTEC - INTERNATIONAL FOODTEC BRASIL*, Curitiba Feira Internacional de Fornecedores para a Indústria de Alimentos	02.08. - 04.08.

* Credenciamento para profissionais do setor

Este é um resumo dos eventos no Brasil. Encontre o nosso programa completo. www.koelnmesse.com

Status: 04.09.2015



Brasil & Alemanha



IMPRESSÕES
DE UM PAÍS

Cozinha global com pitadas de cultura brasileira e alemã

„Ah, outro livro culinário não, por favor!”, poderíamos pensar ao saber do “ateliê culinário” de Sabine Hueck em Berlin-Schöneberg. Já não há o suficiente deles? A resposta é “não”, pois a denominação de “ateliê” já mostra que para a brasileira trata-se de algo mais: quer ensinar aos interessados não apenas como se preparar pãesinhos de queijo ou uma suculenta feijoada, mas também transmitir o que é a arte de cozinhar. Em sua opinião, o especial da culinária brasileira está na forma como ela absorveu as influências portuguesas, africanas e de descendentes de japoneses, italianos ou alemães, misturando-se, inclusive, com elementos da cultura



indígena, originando uma culinária de paladar riquíssimo. É exatamente isso que Sabine Hueck tenta realizar na Alemanha. Daí surgem “Kreolische Sacherschnitten” - fatias de bolo de chocolate crioulo -, “Röstis” de mandioca ralada ou ceviche peruano a base de vinagrete de rabanetes da região da Teltóvia (“Teltower Rübchen”) com coentro.

“Entender a culinária dos diversos países é o maior desafio cultural. A cozinha global é mais emocionante do que qualquer filme de suspense”, escreve ela em seu livro “Infernalmente apimentado e paradisíacamente doce”. Nascida no estado de São Paulo, a brasileira de raízes alemãs aprendeu a cozinhar na doceria da avó. Em seguida formou-se na Alemanha em Administração Hoteleira e Chef de Gastronomia, viveu temporariamente no Peru e dirigiu uma doceria em Florianópolis. Em Berlim, onde vive há 30 anos, dirigiu com sucesso uma empresa de catering durante anos e escreveu vários livros de culinária. Um deles oferece exclusivamente receitas alemãs como almôndegas, chucrute e linguças variadas que agradaram o paladar dos visitantes durante os eventos do “Ano da Alemanha” no Brasil, em 2014. U. Wiebrecht



Os segredos do símbolo nacional que vem da cana-de-açúcar

O uísque verdadeiro pode ser produzido em muitos países. A cachaça verdadeira, porém, somente no Brasil. Todo ano são produzidos aproximadamente 13 bilhões de litros do destilado de cana-de-açúcar por mais de 4 mil produtores no país. O teor alcoólico deve ser de 48% no máximo e no mínimo de 38%. Ao superar o limite de 48% e alcançar até 54%, deve receber a denominação de aguardente de cana. A matéria prima é a cana-de-açúcar recém colhida. Como no Brasil existem aproximadamente 600 tipos de cana-de-açúcar, a margem de variação da cachaça é grande. Em sua produção, o caldo da cana-de-açúcar é diluído com água e acrescido de substâncias que induzem à fermentação. A mistura no processo industrial fermenta por 24 horas em dornas de aço inox. Já no processo artesanal a fermentação leva 36 horas e a destilação é feita em alambiques de cobre. A cachaça pode ser engarrafada logo após a fabricação ou ser mantida para envelhecimento em barris durante um ano ou mais. Vinte e oito espécies de madeira podem ser utilizadas para a fabricação dos barris que irão amadurecer a cachaça artesanal, entre elas, madeiras nativas como umburana e o bálsamo. Os barris de madeira de carvalho são, no entanto, os mais populares, preferencialmente os que foram utilizados antes para armazenar uísque, conhaque ou Bourbon. Assim, cada barril de cachaça fascina com o seu próprio sabor. cle

SOLVEIG FLÖRKE E NADIA PONTES

José Américo Goulart passa as suas mãos fortes de trabalhador rural pelos cabelos acinzentados. Homem esbelto, o brasileiro de 46 anos caminha todos os dias pelas fileiras de seus pés de café. Praticamente conhece cada um dos dez mil arbustos. Sua fazenda fica no sul do Estado de Minas Gerais. Em nenhum outro lugar do mundo existem tantas plantações de café. Mas choveu muito pouco no último ano e a expectativa para a colheita não está boa. Franzindo a testa queimada pelo sol, José Américo sacode a cabeça, enquanto anda pela sua plantação. “Sem água não há grãos”, diz, pensativo.

Em todo o Brasil, a colheita de café diminuiu muito em comparação ao ano anterior. E mesmo em 2014 o resultado não foi bom. É um prognóstico duro para o maior exportador de café do mundo. Pala-se de um recuo de 3 a 20 por cento, causado principalmente pelas mudanças nas condições climáticas, em especial da seca no início do ano. É justamente entre janeiro e março a planta que necessita de nutrientes importantes para poder desenvolver os grãos. Também de maio a setembro precisa de água para poder finalizar o processo de crescimento e florescer.

“Mas exatamente neste período não choveu nada”, diz Luiz Carlos Machado Rodrigues. O diretor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas vê problemas específicos para as regiões montanhosas: “Aqui não é fácil de se construir um sistema de irrigação. Se não chover, a colheita é atingida imediatamente.” Os primeiros cafeeiros vieram ao Brasil em 1827. Apenas meio século mais tarde, os grãos de café já eram o maior produto de exportação do país sul-americano. Em 1845, quase a metade de todos os grãos do café no mercado mundial se originaram do Brasil. Desde então, o Brasil é líder mundial absoluto, seguido do Vietnã, da Indonésia e da Colômbia, países também muito adequados para o plantio de café.

O desenvolvimento caracterizou todos estes países; no Brasil planta-se café em áreas que somam quase 2,3 milhões de hectares, principalmente nos estados de Minas Gerais, São Paulo e do Paraná. Conforme dados do Ministério da Agricultura existem 287 mil produtores de café como José Américo.

Dos 45 mil sacos de 60 kg cheios de café, no ano passado, mais de 36 mil foram exportados. “Para falar a verdade, aqui ninguém produz pensando no mercado interno”, reconhece Fernando Barbosa da Silva, “todos produzem para o exterior”, diz o Presidente do Conselho da Associação dos Municípios de Baixa Mogiana – AMOG. Os Estados Unidos e a Alemanha se revezam na ponta dos maiores importadores do café brasileiro.

As concessionárias de café alemãs estão interessadas principalmente nos grãos verdes de café, não torrado e não descafeinados. Em seguida preparam-no para o consumo e reexportam o café para o exterior, por exemplo para os Estados Unidos, a Áustria, a Polónia e a Holanda.

Não é estranho o fato de que a exportadora Stockler, que pertence ao Grupo Neumann Kaffee da Alemanha, opera um escritório no sul de Minas Gerais. É exatamente onde José Américo tem a sua plantação de café. A filial da Stockler em Muzambinho compra os grãos de café diretamente dos fazendeiros e das cooperativas locais, ou então de intermediários e corretores de café. Cada amostra de café que chega, é verificada pela qualidade dos grãos pelo corretor por provadores de café profissionais que, em jalecos brancos, tomam um gofinho após outro, fazendo muito barulho e o cospem em seguida, após uma minuciosa degustação.

O procedimento é uniforme e acontece em Muzambinho de forma igual a de Santos, onde fica a matriz da exportadora. Grãos verdes e secos de café estão espalhados por toda a parte nas ruas de paralelepípedos de Santos e encontram-se por entre as pedras e no meio-fio. O café é o tema principal por aqui, inclusive na maioria dos pequenos restaurantes, aonde se encontram experts de café ao meio dia, para falar do assunto. Bem pertinho daí fica a Bolsa de Café de Santos. Aqui pode-se visitar um museu que mostra a história do café no Brasil.

Ele ocupa os quartos e saguões suntuosos de um antigo palácio grandioso. Por toda a parte o café é associado a algo nobre, algo muito especial e valioso. Até parece ao leigo que os especialistas de café fazem dos simples grãos uma filosofia própria e complexa. E talvez seja exatamente isso. Só conta, principalmente para a exportação, a melhor das qualidades. Mas são exatamente estas exigências que os produtores de café tem dificuldade em oferecer após uma grande seca. “É este o maior problema”, confirma José Américo. “Muitos não sabem diferenciar, na colheita, a que categoria correspondem os grãos. Se é “mole” ou “duro”, como dizem os compradores.”

Para apoiar os produtores, o Instituto Federal do Sul de Minas Gerais abriu um laboratório para a classificação e a degustação do café, que pode ser utilizada pelos produtores da região. Ao mesmo tempo serve aos estudantes dos cursos técnicos da cultura de café.

Enquanto isso, José Américo já conseguiu obter alguns conhecimentos. Muitas vezes ele consegue diferenciar os grãos já durante a colheita. “Mas mesmo assim ainda está muito difícil negociar com os compradores. Eu sei que o meu café corresponde ao grão mole, mas quando é analisado, os provadores dizem o contrário.

Isso ainda deve melhorar”, diz, terminando o seu passeio de hoje. E para não depender unicamente dos provadores de café e da chuva, José Américo abriu um segundo negócio: o mel. “Pés de café e abelhas combinam bem”, ele acha. O seu objetivo agora é obter um certificado para mel orgânico. “Mas para isso, o meu café também precisa ser orgânico, porque as abelhas se nutrem dele. Estou tentando isso agora.”

É uma boa ideia, tendo em vista a Europa. Lá cresce a procura por café orgânico, certificado e produzido de forma sustentável. Até agora são os alemães que mais compram o café “bio”. E há mais uma boa notícia para os produtores de café do Brasil: após duas colheitas sucessivas abaixo das expectativas, as previsões para os dois próximos anos são boas, também pelo fato deles terem investido muito trabalho pela valorização de suas terras.



É Tempo de expandir os horizontes

Um dos pilares da exportação do país, o café também sofre em meio ao cenário econômico de crise. Fatores climáticos estão, porém, entre os principais motivos que prejudicaram as últimas colheitas. De olho em mercados cada vez mais exigentes, como o alemão, produtores investem no cultivo orgânico.



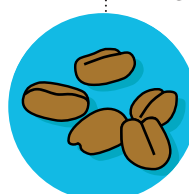
MERCADORIA COBIÇADA

O Brasil é o país do café número um – seguido de longe pelo Vietnã. Com cerca de 3,03 milhões de toneladas anuais, o Brasil é responsável por 1/3 da produção mundial de café, que é de 8,8 milhões de toneladas - dados de 2014. Aqui crescem 4 dos 15 bilhões de pés de café do mundo. No Brasil o café é cultivado em 17 dos 26 estados federados, sendo que o Paraná, São Paulo, Minas Gerais e o Espírito Santo representam 98% da produção total. Destaca-se a região sul do Paraná, a qual se atribui a metade da produção brasileira.

Com as suas regiões de planalto e montanhas fartas, as terras do Paraná são ideais para o cultivo do grão Arábica, que representa cerca de 80% de toda a produção do estado. O grão Robusta é cultivado em menor medida no Brasil. No entanto, as espécies mais nobres, lideradas pelo grão Bahia, raramente se destinam a exportação, são

preferencialmente consumidas pelos próprios brasileiros. O café consta entre os produtos agrários mais importantes do Brasil e assegura o sustento de cerca de 4 milhões de pessoas. Porém o enorme aumento da colheita dos últimos anos é também tem seu lado preocupante, porque só foi (e ainda é) possível graças ao uso extenso de produtos químicos de combate a pragas.

Este é um fato que produtores, exportadores, importadores e redes de varejo tentam abafar, devido à enorme importância econômica do café. A Alemanha representa o maior e mais importante mercado para a exportação, em 2014 adquiriu cerca de 380 mil toneladas de café do Brasil. Atrás dos Estados Unidos, a Alemanha é o segundo maior importador de café do mundo, em relação a população, o consumo de café dos dois países é quase idêntico. cle



Brasil & Alemanha



Empresas alemãs preferem comprar os grãos verdes que serão preparados para o consumo. Uma parte será exportada para o mercado alemão e a outra reexportada para países como EUA, Áustria, Polônia ou Holanda.



José Américo é dono de uma fazenda com 10 mil pés de café. Suas terras estão localizadas no sul de Minas Gerais (abaixo) e sofrem com a seca na região. Com a produção de mel orgânico, ele espera dar um novo gás também nos negócios com o café.



„Para falar a verdade, aqui ninguém produz pensando no mercado interno. Todos produzem para o exterior“

Onde barões de café flutuavam em gôndolas venezianas

No século XIX o Vale do Café formava a espinha dorsal econômica do império brasileiro. Hoje quase esquecida por seu passado, a região é tida por *insiders* como umas das áreas turísticas mais simpáticas do Brasil

ULRIKE WIEBRECHT

A í está ela, em seu jardim, sobre a grama verde, com uma camisa branca rendada e uma saia longa de cor violeta. Na cabeça um chapuzinho e na mão uma sombrinha branca ornamentada com babados. Será um quadro de Monet? Ou de Auguste Renoir? Mesmo que pareça que quer pousar de modelo para um pintor impressionista, este é simplesmente o jeito da senhora Elisabeth Dolson ao receber visitantes em sua fazenda Santa Eufrásia, tombada pelo Patrimônio Histórico e Artístico (Iphan). Quem aqui visita se sente imediatamente transportado para os tempos de 1830, quando o comendador Ezequiel de Araújo Padilha construiu este lindo casarão para iniciar o plantio de café.

Durante meio século teve muito êxito com esta atividade. Os grãos escuros lhe deram uma riqueza imensa, que lhe permitiu adquirir uma autêntica gôndola de Veneza, com a qual ele deslizava sobre o lago até o seu jardim. “Sim, antigamente aqui se ganhava muito dinheiro com o café”, diz Elisabeth. “Mas também se perdia.” Após algumas décadas as terras deixaram de ser férteis. Por isso o bisavô de Dona Beth, que assumiu o controle da fazenda em 1905, mandou queimar todo o cafezal e começou com a criação de gado. Hoje em dia florescem novamente os pés de café ao lado de mangueiras, figueiras bengalesas e algodoeiros em cor-de-rosa. No entanto servem somente para o uso doméstico. Afinal, é de bom tom para a dona da casa servir, ao término da visita, um cafezinho do próprio plantio, acompanhado de guloseimas, em um salão preservado em sua forma original, numa mesa de madeira de 6 metros de comprimento, entre antigos móveis, espelhos, uma lareira e fotos envelhecidas pelo tempo.

A fazenda Santa Eufrásia é um exemplo típico de fazenda do Vale do Café, que fica cerca de 120 km ao noroeste da cidade do Rio de Janeiro. Existem centenas destas fazendas por aqui. Em 1860 a produção do vale era responsável por 75% do mercado mundial. Após o esgotamento das minas de ouro, ajudaram a financiar o império, sendo que os grãos chegaram a ser mais lucrativos que o metal precioso. Com a arrecadação dos impostos, o Imperador D. Pedro II pôde financiar a instalação de estradas de ferro e a iluminação elétrica nas ruas. Porém, a longo prazo, este modelo econômico foi condenado ao fracasso.

Por um lado, as terras se desgastaram devido a prática da monocultura e, por outro, os barões de café não investiram em outros setores. Ao invés disso, viviam bem e aproveitaram a mão de obra escrava barata, até a abolição da escravatura em 1888. Este acontecimento determinou o fim de suas



Elisabeth Dolson recebe os visitantes na Fazenda Santa Eufrásia em roupas típicas dos tempos áureos no Vale do Café. O lugar foi tombado pelo Iphan.

„O potencial turístico é grande, mas falta know-how“

Miriam Cutz, Responsável pelas Relações Internacionais da Turisrio



Acima: o Vale do Café é composto por cinco municípios e um deles é a pitoresca Vassouras. Abaixo: a fazenda „Casa da Hara“, que funciona como um museu para informar sobre a história da região



perspectivas. Além do mais, os estados de São Paulo e Minas Gerais já tinham começado com um cultivo de café bem mais efetivo. Assim, os barões de café, aos poucos, empobreceram e tiveram que vender boa parte de suas fazendas, o que levou o vale à insignificância. Hoje em dia a única esperança da região é o turismo; e quem não gostaria de visitar uma região cercada por paisagens montanhosas, de um verde exuberante e de pequenas cidades coloniais como Vassouras, terra de gente simpática e de uma herança rica dos tempos das fazendas de café?

Todo mundo gosta, mas são principalmente os cariocas, que fogem da cidade grande aos finais de semana, para se recuperar aqui, neste pedacinho tão calmo do Brasil. “O potencial turístico é grande, mas falta *know-how*, por exemplo, para praticar o marketing certo”, explica Miriam Cutz, responsável pelas relações internacionais da Turisrio – Companhia de Turismo do Estado do Rio de Janeiro.

Quem fizer um passeio por aqui, ficará maravilhado com as fazendas de café, das quais trinta estão abertas à visitação e se revelam como verdadeiros palácios em meio a parques magníficos. O que também surpreende é a viva cultura popular no Vale do Café. Ainda hoje os descendentes de escravos africanos praticam o ritual de dança chamado Jongô, que até faz parte das aulas escolares. Enquanto Beatriz Vidal mantém viva a tradição de artesanato em seu estúdio de cerâmica Barro & Arte, Cristina Braga, uma arpista e cantora internacionalmente renomada (inclusive com várias apresentações na Alemanha), está transformando a fazenda de seu avô em um Jardim de Música.

Já estão prontas as dependências para *workshops* e concertos e logo estarão cheios de vida. Que entende de organização, a musicista já provou ao criar o Festival Vale do Café, que elevou ao ponto mais alto a vida cultural do vale. Desde 2003 traz orquestras renomadas, grupos de jazz e outros músicos para a região. Eles fazem soar a música, durante quase todo o mês de julho, nas praças, nas igrejas, nos centros culturais e nas fazendas de café. Naturalmente a Fazenda Santa Eufrásia, de Dona Elisabeth, faz parte destes eventos e ela, também aqui, parece ser tirada de um quadro de Monet.

Informações sobre o Vale do Café e as



IMPRESSÕES DE UM PAÍS

Vacina contra vírus da dengue deixa pesquisadores esperançosos

“O flagelo do Brasil”, foi assim que



Edivaldo Velini, presidente da Comissão Técnica Nacional de Biosegurança (CTNBio), chamou o vírus da dengue. Com um retorno periódico, as epidemias no Brasil apresentam um caráter ondulante. Após uma diminuição significativa dos casos de dengue em 2014, registrou-se um aumento dramático em 2015: somente entre janeiro e meados de abril foram aproximadamente 745 mil novos casos. Um aumento de 234,2% em relação ao ano anterior conforme dados do Ministério da Saúde. Nestes primeiros quatro meses, 229 pessoas morreram em consequência da doença. A média do número de casos de dengue no Brasil é de 367,8 por 100 mil habitantes, um valor classificado pela Organização Mundial de Saúde (OMS) como “situação epidemiológica”. Conforme a definição, sete estados brasileiros estariam atingidos atualmente pela epidemia: Acre, Rio Grande do Norte, São Paulo, Paraná, Mato Grosso do Sul e Goiás. Infelizmente ainda não existe uma vacina eficaz contra o vírus transmitido pela picada do mosquito da dengue – o *Aedes Aegypti*. A partir de agora, no entanto, a CTNBio espera avançar no tema após a autorização do uso comercial de organismos geneticamente modificados para a produção de vacinas contra os quatro sorotipos da dengue. Agora as vacinas já podem ser testadas em pessoas e, no caso de sucesso com os testes, o Ministério da Saúde poderá autorizar a venda comercial. Cientistas também estão focados no transmissor da doença, visando torná-lo inofensivo por meio de uma espécie de mosquito resistente, criada recentemente em laboratório brasileiros. Os primeiros mosquitos resistentes já foram soltos ao ar livre e agora os cientistas esperam que a nova espécie se acasale com o mosquito da dengue,



tornando-o inofensivo ou até mesmo levando-o à extinção. Estima-se que dentro de dois anos a eficácia desta medida poderá ser avaliada. *de*

Um colosso para os estudos de mudanças climáticas

Ela oferece de longe a vista mais espetacular sobre a mata virgem amazônica, mas não para os turistas: a cerca de 300 km de Manaus, foi inaugurado em agosto deste ano o Observatório de Torre Alta da Amazônia (ATTO). Com 325 metros de altura e construída em aço, ela supera em 24 metros a Torre Eiffel. A torre de pesquisas climáticas mais alta do mundo é um projeto de cooperação entre o Brasil e a Alemanha. Cada um dos países participou com 8,4 milhões de euros para a construção e os primeiros cinco anos de funcionamento. De acordo com o Ministro da Ciência, Tecnologia e Inovação, Aldo Rebelo, a Torre Atto deve fornecer dados sobre a interação entre a natureza e o desenvolvimento climático, entre os quais, os volumes e a distribuição dos gases poluentes responsáveis pelo efeito estufa, bem como da qualidade das nuvens, as interligações entre as camadas atmosféricas e o transporte pelas massas de ar na região da floresta amazônica.

O motivo para a escolha do local de construção da torre se deu por estar “situado a uma grande distância de qualquer influência humana e desta forma poder fornecer dados não adulterados”, explica Meinrat Andreae, do Instituto Max-Planck de Química em Mainz na Alemanha. Os dois parceiros

Brasil & Alemanha



IMPRESSÕES
DE UM PAÍS

Jogos Olímpicos acontecerão em quatro locais diferentes do Rio
Os Jogos Olímpicos do Rio em 2016 serão distribuídos em quatro localidades: Deodoro, Maracanã, Copacabana e Barra da Tijuca. No Parque Olímpico da Barra acontecerá a maior parte das competições, enquanto o prestigioso Estádio do Maracanã será o cenário das festas de abertura e encerramento do grande evento. Além disso, o templo do futebol também será o local da maior parte das partidas dentro do torneio. Nos outros estádios acontecerão, entre outras provas, as competições de atletismo. O bairro de Deodoro, na zona oeste do Rio, é o segundo maior local das competições. O seu complexo esportivo, que receberá modalidades como o rúgbi, pentatlo moderno e hóquei, deve ser finalizado ainda este ano. Dentro do tempo previsto está também a infraestrutura em Copacabana, onde atletas da natação, da canoagem e do vôlei de praia estarão lutando por medalhas. A conclusão das obras da Vila Olímpica, no centro da cidade, está prevista para março de 2016. Um complexo de 34 prédios de doze andares servirá acomodação para 17.700 esportistas e dirigentes das delegações do mundo inteiro. Após os Jogos Olímpicos, os imóveis serão convertidos em apartamentos de luxo.



A „vista de todas as vistas“ é como descreve Stefan Zweig a paisagem que o corcovado oferece. Quem decide experimentar três horas de escalada deve estar com um bom condicionamento físico

A volta do velho boêmio

Depois ter a reinauguração adiada e virar motivo de piada entre os cariocas, o bonde de Santa Teresa, que atravessa o bairro do mesmo nome na cidade do Rio de Janeiro, simboliza um pouco o estado atual do Brasil. A linha, que opera desde 1877, tinha antigamente vagões puxados por cavalos, mas desde



1896 utiliza força elétrica para circular em uma área antigamente habitada pela classe alta e onde muitas embaixadas tinham sua sede. Após sofrer transformações sociais, Santa Teresa vive há alguns anos um renascimento como bairro de artistas, atraindo muitos turistas com sua arquitetura antiga, ateliês, galerias, pequenos museus e bares. A este clima boêmio pertence também o bondinho com seus vagões amarelos. Uma das duas últimas linhas remanescentes de trem no Rio serpenteia por graciosas ruelas, passa ao lado de românticas mansões e oferece vistas espetaculares da cidade e de seus rochedos de granito. Um grave acidente com um dos vagões em 2011 causou a morte de seis pessoas e muitos feridos, resultando na imediata paralisação da linha. Em novembro de 2013 foram liberados 110 milhões de reais para o saneamento do subsolo, a implantação de novos trilhos e a aquisição de uma nova frota com 14 novos vagões. O cronograma previa que a histórica linha seria reinaugurada pontualmente até o início da Copa do Mundo de 2014. Infelizmente isso não aconteceu. Um vídeo irônico no qual as obras do bonde aludiam aos lugares de competição das Olimpíadas de 2016 no Rio foi divulgado na internet. Nele os paralelepípedos espalhados pela obra servem de bola de metal, usada na competição de arremesso de peso e a areia do leito dos trilhos se transforma na areia da caixa do salto em distância. A sátira divertiu milhões de pessoas no mundo inteiro, o que aparentemente motivou os responsáveis pelo evento a ficarem atentos ao calendário. No final de julho deste ano a primeira parte da linha, de um quilômetro de extensão, foi entregue à população e voltou a operar, mesmo que de forma ainda restrita. Ainda este ano o bonde de Santa Teresa deve voltar a circular em sua extensão completa de 10 km. Oportunamente antes da abertura dos Jogos Olímpicos. No entanto, os responsáveis não querem se comprometer definitivamente quanto à data. *cl*

ULRIKE WIEBRECHT

Finalmente avista-se toda a cidade com a sua baía, as suas montanhas e lagos, as suas ilhas e navios, as suas casas e as suas praias! Finalmente vê-se, desenhado por linhas azuis, verdes e brancas, os contornos de sua construção e ao mesmo tempo a sua grandeza (...) é realmente a vista de todas as vistas... É assim que Stefan Zweig descreve em seu livro “Brasil - um país do futuro” a vista do Corcovado, onde encontramos a estátua do Cristo Redentor. Mesmo 75 anos mais tarde, dia após dia, milhares de pessoas delectam-se nessa vista e, na maioria das vezes, caem num turbilhão de selfies. O que muitos não sabem é que essa experiência maravilhosa pode ser ainda maior se ao invés de subirmos o maciço rochoso pelo teleférico, fizermos o trajeto a pé. Subir numa autêntica mata Atlântica sob um calor de 30 a 35 graus °C enfrentar uma umidade do ar entre 80 a 90% numa altitude de 700 metros e ainda ser saudado pelo Cristo Redentor torna-se uma aventura inesquecível.

O ponto de partida da caminhada já é uma descoberta. Trata-se do Parque Lage, um jardim público ao lado do Jardim Botânico, com árvores centenárias, cavernas, grutas e pequenos córregos de água. Antigamente aqui se plantava a cana-de-açúcar, mas em 1840 o paisagista inglês John Tyndale transformou o areal

Bem antes do início dos Jogos Olímpicos de 2016, moradores do Rio de Janeiro começam a descobrir o prazer de explorar os morros da cidade e motivam os visitantes sem medo de altura a seguir o exemplo

em um romântico parque. Bem no meio dele se localiza o Palácio Romano, construído em 1920 pelo amante das artes Henrique Lage para sua esposa, a cantora Gabriela Besanzoni. Logo abaixo das colunas do pátio, o turista tem uma última oportunidade de tomar um cafezinho antes de se dirigir à pequena trilha no fundo do parque que leva ao Corcovado. Em uma pequena guarita são registradas todas as pessoas que se decidiram pela subida a pé. “Para o caso de alguém se perder”, explica Robson do Rio Ecoesporte. Talvez não se acredite, mas logo fica claro que a subida de quase 3 horas não é bem um simples passeio. Cipós, mangueiras e troncos caídos estão por toda a parte da trilha. Vozes exóticas de aves se misturam com o burburinho de pequenas cascatas d’água e é preciso tomar cuidado para não ser arranhado por arbustos espinhosos. A impressão é de um acampamento na selva bem distante da civiliza-

ção. De fato algumas pessoas já se perderam aqui. “Houve até acidentes fatais”, recorda-se Robson. Sendo assim, é aconselhável o acompanhamento de um guia como ele. Como os seus colegas do Rio Ecoesporte, Robson é professor de educação física formado, alpinista experiente e acompanha regularmente pequenos grupos, não só na subida para o Corcovado como também para todos os demais morros que abençoam tão ricamente o Rio de Janeiro. O seu pico preferido é a Pedra da Gávea com 442 metros de altitude, mas a maioria dos turistas escolhem preferencialmente subir ao Pão de Açúcar, mesmo que tenham que escalar uma parte dele com a ajuda de cordas.

A procura por passeios e excursões desta natureza está aumentando cada vez mais e quem alcança pela primeira vez o topo de um morro e desfruta da vista, quer rapidamente repetir a experiência. Isto não se aplica somente

aos turistas, mas também aos próprios cariocas, que agora também estão descobrindo as montanhas na paisagem urbana. Até recentemente estes lugares eram vistos como desaconselháveis para se visitar e somente com a pacificação de algumas favelas é que se ousa subir, por exemplo, no topo do morro “Dois Irmãos”, tão belo de se ver da praia de Ipanema e cuja escalada só é acessível pela favela do Morro do Vidigal.

De fato, raramente os habitantes de uma grande cidade são tão esportivos como os do Rio de Janeiro. Raro também é ver uma cidade tão abençoada pela natureza com praias, maciços rochosos, uma vegetação tropical exuberante, uma extensa mata atlântica e a maravilhosa Lagoa Rodrigo de Freitas. Assim, a qualquer hora do dia, estão todos em movimento por aqui. Durante todo o ano as pessoas nadam e surfam no mar atlântico e, quem caminha de manhã pelas praias de Copacabana, Ipanema ou Leblon está cercado de gente que corre, caminha, anda de patins ou de bicicleta. Outros jogam vôlei ou tênis de praia. Além disso, a ONG Arte e Vida estabeleceu em muitos locais as chamadas academias ao ar livre, que são pontos que convidam a prática de exercícios físicos em locais abertos. Algumas delas são especialmente direcionadas à população mais idosa, o que as transformam também em importantes pontos de encontro. Primeiramente eles se exercitam juntos e em seguida trocam ideias, tomando água de coco gelada - e o mel-

hor de tudo: não custa nada. Para quem quiser há bicicletas disponíveis para aluguel a preços acessíveis para andar pelas praias ou em volta da lagoa. O sistema de aluguel descomplicado, a exemplo de outras cidades, fez explodir aqui um verdadeiro boom ciclístico. Aos numerosos ciclistas somam-se agora os escaladores de montanha e os excursionistas de trilhas. Sendo assim, é bem oportuno que os primeiros Jogos Olímpicos em solo sul-americano aconteçam no Rio de Janeiro. Pode até ser, contudo, que o megaevento de 5 a 21 de agosto de 2016 seja assombrado por escândalos de corrupção, pela irritação da construção de um campo de golfe na área do Parque Natural Municipal de Marapendi ou pela péssima qualidade da água na Baía de Guanabara que traz enorme preocupação às associações de vela com a saúde dos atletas que participarão do evento. Enquanto os responsáveis pelo evento lutam com problemas de organização e manchetes negativas, os cariocas não perdem a alegria pelo esporte e os visitantes estão convidados a fazer o mesmo. Principalmente escalar os morros, pois lá em cima é possível ficar longe de congestionamentos, barulhos de trânsito, maus cheiros e boatos!

Informações sobre as escaladas do Rio Ecoesporte estão disponíveis no site www.rioecoesporte.com.br.

Maiores informações sobre o Rio de Janeiro e atividades esportivas encontram-se em www.rioguiaoficial.com.br.

ANTONIA STAUSBERG

Para o mercado internacional de arte, que cresce com uma velocidade cada vez maior, o Brasil há muito se tornou um destino atrativo e importante. Isto se deve ao sucesso das duas feiras de arte mais importantes do país, a “São Paulo International Art Fair”, abreviada “São Paulo Arte”, fundada em 2005, e a “Feira Internacional de Arte do Rio de Janeiro”, abreviada “Arte Rio”, criada em 2009. Também goza de muito prestígio a Bienal de São Paulo, que acontece anualmente desde 1951 e é, após a de Veneza, a segunda bienal de arte mais antiga do mundo.

Daniel Hug, diretor da ArtCologne, da cidade alemã de Colônia, aponta que o boom atual da arte contemporânea no Brasil se deve em boa parte pelas atividades do precocemente falecido Marcantonio Vilaca e sua galeria, fundada nos anos 90, a “Camargo Vilaca”. A galeria existe até hoje, porém sob o nome de “Fortes Vilaca”. Hug a considera “ainda hoje, provavelmente, a mais importante galeria de arte do Brasil”.

Axel Stein, especialista da Sotheby’s, famosa casa de leilões de Nova Iorque, presente também na América Latina, confirmou recentemente que o crescimento do mercado de arte brasileiro nos últimos dois anos ocorreu de forma incrivelmente rápida. Para ele, o que

Jovens artistas vivem uma nova era

A arte brasileira se desprende do contexto latino e ganha o mundo

causou este fenômeno foi uma valorização internacional da arte brasileira, que começou com os artistas dos anos 60, como Hélio Oiticica, Lygia Clark e Mira Schendel.

Naturalmente há ainda um interesse constante pelas obras do modernista brasileiro, mundialmente renomado, Candido Portinari (1902 - 1962) ou da artista Lygia Pape (1927 - 2004), tida como precursora do movimento do con-



“Guerra e Paz” é o nome da obra monumental de Cândido Portinari composta por duas pinturas com dimensões de 14 por 10 metros cada

cretismo e do neoconcretismo no Brasil nos anos 50 e 60. Cildo Meireles, artista plástico de arte conceitual, nascido em 1948, também é muito conhecido internacionalmente, tendo as suas obras expostas na “Documenta 11” de Kassel e na “Bienal de Arte de Veneza” de 2005, entre outros.

Mas mesmo artistas contemporâneos brasileiros já conseguiram preços notáveis, como a artista Beatriz Milha-

zes, nascida em 1960 no Rio de Janeiro, cuja obra “Meu Limão”, produzida em 2000, foi adquirida há três anos por um comprador na Sotheby’s de Nova Iorque pelo valor de 2,1 milhões de dólares. A obra “Parede com Incisões à la Fontana II” de Adriana Varejão, de 51 anos, alcançou na Christi’s imponentes 1,8 milhões de dólares.

Outros artistas contemporâneos, como Ernesto Neto, por exemplo, se tor-

nam cada vez mais conhecidos internacionalmente. Ele se lembra da emocionante exposição nas dependências da Thyssen-Bornemisza Art Contemporary, em Viena, na qual mostrou suas instalações elásticas com formas amorfas e esculturas preenchidas pelas mais variadas especiarias, que convidavam os visitantes a interagir com elas. No entanto, a maior parte da arte brasileira é comprada pelos próprios brasileiros. Este segmento de compradores, diferentemente de tempos atrás, está interligado internacionalmente e participa de muitas feiras mundiais de arte.

Para o galerista brasileiro Alexandre Gabriel, um dos avanços mais importantes dos últimos anos foi a arte brasileira ter saído de um contexto meramente sul-americano e se conectado intimamente com o cenário internacional da arte contemporânea. Isto teve o efeito de um impulso libertador, transformando o cenário nacional de forma duradoura.

Informações sobre o cenário jovem de arte brasileira encontram-se na plataforma “Latitude” fundada em 2007, que atende atualmente 49 galerias de seis estados e representa mais de mil artistas contemporâneos. Percebe-se a juventude do cenário artístico brasileiro pelo fato de mais de 50% das galerias do Brasil terem sido fundadas depois da virada do milênio.

Brasil & Alemanha



Seis anos é o tempo que deve durar o processo de nova tradução da obra pelo estúdio da literatura brasileira Berthold Zilly. O trabalho deve ficar pronto em 2017

ULRIKE WIEBRECHT

Ao pensar no Brasil, a maioria das pessoas associam cidades grandes como o Rio de Janeiro, costas extensas, praias e vegetação tropical. Mas o subcontinente ainda tem outras faces, como, por exemplo, o Pantanal - um paraíso de aves, bem como regiões montanhosas como a Chapada Diamantina. Há ainda o sertão, uma região muito peculiar parecida com um deserto, no nordeste brasileiro, dez vezes maior que a Alemanha e que se caracteriza por uma extrema seca. Esta região é um mundo à parte, com estruturas sociais que não são encontradas no resto do Brasil. Por aqui vivem tradicionalmente grandes latifundiários, que cultivam a criação de gado extensiva e estão ancorados em condições feudais, com vaqueiros pobres que tocam o gado e, antigamente, bandos de saqueadores como o de Lampião e Maria Bonita. Os turistas não são atraídos por esta região, mas os cientistas, os artistas e literatos ficam fascinados por ela.

Entre os entusiasmados ressalta-se Euclides da Cunha. O escritor e jornalista escreveu há mais de 100 anos a obra "Os Sertões" (Guerra no Sertão - na tradução alemã), uma mistura de testemunho ocular jornalístico e romance monumental de aventura que se desenvolve no meio de uma guerra civil ocorrida por volta da penúltima mudança do século. A partir da figura do pregador itinerante Antônio Conselheiro, que fixa residência no Vilarejo de Canudos com seus seguidores, que eram pessoas bastante pobres, acontece o confronto entre a barbárie e a (suposta) civilização. Depois que católicos extremamente crentes que recusam o consumo de álcool, a prática da prostituição, bem como a propriedade privada, entram em conflito com a jovem república do Brasil, o governo envia tropas para a região agindo em nome do progresso e da ciência de forma ainda mais bárbara do que os incultos peões e pastores, ocasionando uma longa e destruidora guerra, na qual não há nem vencedores e nem perdedores.

Aproximadamente meio século após este impressionante épico, foi publicada a segunda obra que se associa ao sertão: "Grande Sertão: Veredas", de Guimarães Rosa. Não somente tida como uma das obras mais importantes da literatura brasileira, ainda há muitos que a consideram uma das 100 melhores obras da literatura mundial. Condecorada com vários prêmios de literatura, é vista como a obra brasileira equivalente à obra "Ulysses", de James Joyce. Provavelmente o autor teria ganhado o Prêmio Nobel de Literatura nos fins dos anos 60, se não tivesse morrido em 1967, aos 59 anos. Certamente seu épico tem status de literatura cult. Guimarães Rosa é citado por pessoas como a presidente Dilma Rousseff ou ainda autores como Paulo Lins ou Luis Ruffato deixaram-se inspirar por ele. Seus fãs se encontram regularmente para compartilhar ideias a respeito do escritor e sua casa natal em Cordisburgo, no estado de Minas Gerais, se transformou em um museu bastante visitado. Na Alemanha não existe outro autor brasileiro, sobre o qual tantas dissertações foram escritas, como este mágico da fala, que nasceu em 1908 e morreu em 1967 no Rio de Janeiro. Era médico de profissão e adquiriu de forma autodidata um conhecimento abrangente, bem como o domínio de várias línguas, entre elas, o alemão, assim como conhecimentos gerais em húngaro, japonês e hebraico, as quais influenciaram de uma forma ou de outra a sua obra literária.

Inicialmente "Grande Sertão: Veredas" deveria ser apenas uma parte do livro "Corpo de baile", no entanto expandiu-se até se tornar um longo épico independente com cerca de 600 páginas. Nele, o protagonista Riobaldo, um latifundiário rico, conta suas experiências no sertão como perseguições, confrontos entre cangaceiros e a polícia, campanhas de vingança, amor, dúvidas,

medos. Também conta dos jagunços, os "incendiários e assassinos contratados, caçadores de cabeça, cães sanguinolentos e esfaqueadores natos", aos quais ele mesmo pertencia antes de se transformar em um cidadão honrado. A sua narração trata da paisagem, das pessoas, de Deus e um pacto provável com o diabo, com o qual Guimarães Rosa faz referência a "Fausto" de Goethe. Ao mesmo tempo salta por entre as linhas novas palavras criadas pelo autor, formações complexas de frases, metáforas, associações e alusões a outras obras literárias, que podem ter diversas inter-

rante muito tempo no Instituto Latino Americano da Universidade Livre de Berlim e foi condecorado pelo presidente do Brasil com o comenda da Ordem da Cruz do Sul. O intelectual, que se aposentou há alguns anos, atualmente é detentor de uma cadeira de professor visitante para o curso de Estudos da Tradução, na Universidade Federal de Santa Catarina em Florianópolis. Inicialmente, ele havia planejado dedicar o seu tempo a outras coisas, não a este projeto. O que o motivou então a mudar seus planos? "De fato eu hesitei por muito tempo", confessa o filólogo, "pelo fato de "Grande Sertão: Veredas" ser um dos livros mais fascinantes, porém um dos mais difíceis escrito em língua portuguesa". Não que lhe seja de todo avesso continuar a traduzir literatura sul-americana. Após ter traduzido de forma genial para o alemão obras-primas como "Os sertões", de Euclides da Cunha e "Diário de uma despedida", de Machado de Assis, poderia se cogitar muitas outras obras para tradução. A Feira Internacional de Livros de Frankfurt de 2013, que teve o Brasil como destaque, mostrou que, para o público de língua alemã, existe toda uma nova geração de autores brasileiros a se descobrir. O romance "Barba enopada de sangue", de Daniel Galera, "Desde que o Samba é Samba" de Paulo Lins, ou "Entre as mulheres", de Rafael Cardoso, estão disponíveis em alemão. Haveria certamente um ou outro romance ao qual Zilly poderia se dedicar. "Grande Sertão: Veredas" não estava em consideração para ele. "Isto eu já tinha descartado há alguns anos, quando colegas brasileiros e alemães haviam me sugerido". Contudo, ao final ele aceitou o desafio. Por que? "Além de os problemas básicos de toda condição humana: amizade, amor, trabalho, crime, dependência, poder, exploração e fraude serem levantados em uma sociedade atrasada, e em uma zona rural de estrutura aparentemente simples", diz ter se decidido a favor pela mesma razão que o fez traduzir "Os Sertões" de Euclides da Cunha: "Naquela época fiquei fascinado com este livro, que ao mesmo tempo me rejeitava, se fechava contra mim, de forma tão espinhosa como a paisagem da narração. Para entender este livro - isto logo ficou claro para mim - precisava traduzi-lo." Foi exatamente isso que lhe aconteceu com "Grande Sertão: Veredas" de Guimarães Rosa.

Mas qual a necessidade de uma nova tradução? Os motivos da editora Hanser são compreensíveis. Ela se propôs, com o seu ambicioso programa de clássicos, a apresentar novas traduções das grandes obras da literatura mundial, de Homero passando por Cervantes, Balzac e Tolstói a Dickens. Nele, a obra de Guimarães Rosa não poderia faltar. Mas será que não seria melhor reeditar a edição antiga e esgotada, talvez com algumas revisões? A versão alemã de Curt Meyer-Clason aceitou este desafio nos anos 60 e apresentou uma versão alemã com o título de "Grande Sertão". Agora o professor de literatura e conhecedor do Brasil, Berthold Zilly, debruça-se sobre este trabalho de sísis. Em 2011 assinou um contrato com a editora alemã Hanser, tendo por objeto uma nova tradução, que deverá ser lançada em 2017. Este megaprojeto exigirá o trabalho de 6 anos. É um longo período na vida do professor honorário para ciências literárias, que lecionou du-



Um monumento da literatura nacional

Considerada uma das obras-primas da literatura brasileira "Grande Sertão: Veredas", de Guimarães Rosa, é fascinante, mas de difícil compreensão. O professor e tradutor alemão Berthold Zilly ousa agora com uma nova tradução prevista para 2017

tem os seus méritos, sem dúvida alguma. Ela apresentou uma das obras latino-americanas mais significativas aos países de língua alemã com suas tramas e personagens. Porém o leitor de língua alemã não tem nenhuma chance de conhecer o estilo deste autor, se é que isso seja possível em uma tradução. É mais ou menos como ler um texto de Lion Feuchtwanger sobre o Brasil..."

Ao passo que Meyer-Clason tentou traduzir a linguagem artesanal, em parte áspera, de Guimarães Rosa para um alemão fluente, de fácil leitura, bem como concluir frases incompletas e adicionar elementos esperados pelo leitor, Berthold Zilly quer preservar, tanto quanto possível, a estranheza e ambiguidade da obra, como também o seu próprio som e ritmo. Com isso ele assumiu uma grande tarefa. Em um trabalho minucioso e laborioso, examina palavra por palavra pela sua etimologia, seus vários significados e conotações - documentando-os em extensos comentários de rodapé. Em sua opinião, tão somente o título do livro seria matéria para dissertações inteiras: por um lado o sertão, a região, a qual Guimarães Rosa ainda acrescenta a palavra significativa "grande", e por outro, a palavra "veredas", que conforme o dicionário, pode significar caminhos ou trilhas. "Mas deve-se saber também que a palavra "veredas", em algumas regiões de Minas Gerais, terra da narrativa desta obra, pode descrever um ribeiro com margens verdes cheias de palmeiras Buriti", adverte o tradutor. E ainda há os dois pontos. Como será que isso pode ser transmitido em um alemão plausível e compreensível? O expert em traduções já pensou em uma certa palavra alemã para a palavra "veredas", uma vez que ela sempre aparece na obra, porém ainda não se decidiu definitivamente. Em português poderia ser algo como a palavra "encruzilhada". Pode-se esperar muito do resultado!



IMPRESSÕES DE UM PAÍS

Talento brasileiro no Guinness

Ela superou Mariah Carey no livro de recordes. O nome de Georgia Brown consta há 10 anos oficialmente como a nota vocal mais aguda já registrada por uma mulher. Nascida na Itália, terra natal de seu pai, a cantora de 34 anos passou os primeiros anos de sua vida em Nápoles. Em seguida, mudou para Goiânia, onde nasceu sua mãe. Hoje Walkíria Monti é empresária da filha, que na verdade se chama Rossana. Ainda criança queria ser cantora e seu maior ídolo era Madona. Tinha dificuldades na escola porque enxergava muito mal. Hoje tem apenas 5% da visão em um dos olhos, mas conhece tudo ao seu redor. Isso torna a deficiência visual quase imperceptível. Durante o dia usa óculos de sol, que protegem os olhos azuis da luz. Outra característica são os cabelos vermelhos, além do visual gótico que ela adota. Ela também não liga



se outfit e nome combinam com o seu gênero musical de soul, blues, rock e electro. "Para mim tanto faz se outros aquecem a voz ou fazem exercícios", diz em tom quase desafiador. Se ela não falasse com tanta seriedade poderia parecer ironia, afinal sua voz é o seu capital. Sem fechar contrato com nenhuma gravadora, ela quer se promover sozinha. Em casa ou em um estúdio, ela grava as músicas de própria autoria. Georgia poderia ser considerada uma cantora amadora, mas tem fãs na China e até na Rússia. Já fez turnês pelo Brasil, Ásia, Estados Unidos e Europa. S. Flörke

"De fato eu hesitei por muito tempo, pelo fato de 'Grande Sertão: Veredas' ser um dos livros mais fascinantes, porém um dos mais difíceis escrito em língua portuguesa"

pretações. Assim, "Grande Sertão: Veredas" é uma obra extremamente experimental, labiríntica e intrincada, que deixa até mesmo os estudiosos de literatura diante de complexas incógnitas. Nem mesmo eles sabem definir o gênero da obra. Sendo um romance, não pretende ser romance, em vez disso, o diálogo de Riobaldo com seu ouvinte (que no entanto não aparece), representa um poema monumental em forma de prosa.

Mesmo para o leitor brasileiro, e apesar de toda a fascinação, a obra significa um desafio imenso, quanto mais para o tradutor, que está diante da gigantesca tarefa de encontrar palavras razoavelmente adequadas para as criadas por Guimarães Rosa. O grande tradutor alemão Curt Meyer-Clason aceitou este desafio nos anos 60 e apresentou uma versão alemã com o título de "Grande Sertão". Agora o professor de literatura e conhecedor do Brasil, Berthold Zilly, debruça-se sobre este trabalho de sísis. Em 2011 assinou um contrato com a editora alemã Hanser, tendo por objeto uma nova tradução, que deverá ser lançada em 2017. Este megaprojeto exigirá o trabalho de 6 anos. É um longo período na vida do professor honorário para ciências literárias, que lecionou du-

mas ser adequada para o público alemão. "Eu acho que isto se deve às crescentes exigências de qualidade das traduções, pelos leitores, críticos, cientistas e pelas próprias editoras, pelo menos das editoras literariamente exigentes", explica Zilly. "A tradução de 1964



Nossos especialistas em futuro são mestres no ioga das melhores ideias em todas as posições.

Evonik é o grupo industrial criativo da Alemanha. Nossos entusiasmados especialistas analisam e desenvolvem as soluções do amanhã - da construção leve aos dispositivos médicos. A Creavis, nossa unidade de inovação estratégica, é uma força propulsora que abre novos mercados para os nossos clientes, preparando o caminho para uma parceria longa e bem-sucedida. Visite-nos no futuro em www.creavis.com.

Evonik. Power to create.



Brasil & Alemanha



IMPRESSÕES
DE UM PAÍS

Golfinho da Amazônia está entre espécies ameaçadas de extinção

Para os índios da Amazônia o golfinho de água doce é um animal sagrado. Um mensageiro da deusa das águas conhecido como boto. Com o nome na lista de espécies em extinção, a quantidade desses golfinhos, que medem de dois a três metros e pesam até 160 quilos, está diminuindo a cada dia. Quantos ainda existem não se sabe, pois vivem sobretudo nas regiões menos acessíveis do Rio Amazonas. Seus maiores inimigos são pescadores que caçam botos sistematicamente para utiliza-los como iscas na pesca da piracatinga. Este ano o governo federal declarou a proibição da pesca do "bagre pintado de antena de prata" em todo território nacional entre janeiro de 2015 e janeiro de 2020, visando proteger os golfinhos. Com o famoso golfinho da série de TV „Flipper“, o boto, cujo macho tem uma pele cor-de-rosa e a fêmea uma cor



mais acinzentada, possui pouco em comum. O que se destaca são a testa espessa e o bico longo, com o qual vasculha o leito do rio a procura de comida. São descendentes de uma espécie ramificada há 15 milhões de anos das baleias pré-históricas. Segundo a bióloga Healy Hamilton, da Academia de Ciências da Califórnia, nos EUA, grande parte da América do Sul, incluindo a Bacia Amazônica, estiveram submersas pelas águas do mar naquela época. Quando mais tarde o mar se retraiu, algumas espécies animais ficaram na bacia e se adaptaram, entre elas os golfinhos de água doce.

ANZEIGE

Der Oberbürgermeister



Stadt Köln



Quando vem para Colônia?

Braskem, E2PS, IP Real State, Nacional Ossos, Russer, Soluparts, Tramontina, X Works Solutions – na qualidade de localização de empresas líderes internacional, Colônia é cada vez mais a primeira opção para empresas brasileiras graças à sua economia. A localização central na Europa, a infraestrutura de transportes ideal e as instalações de feiras e convenções distinguidas são uma garantia para a dinâmica da cidade.

Colônia é colorida e aberta a novas ideias e diferentes culturas. A metrópole conta com pessoas provenientes de mais de 180 países, entre os quais o Brasil. A parceria de cidades que Colônia formou em 2011 com o Rio de Janeiro é a expressão de uma estreita união econômica e cultural.

A metrópole junto ao Reno está preparada da melhor forma para o futuro e oferece as melhores perspectivas. Veja por si mesmo!

Secretaria de Desenvolvimento Econômico · Willy-Brandt-Platz 2 · 50679 Colônia
Tel. +49 (0)221 221-25765 · Fax +49 (0)221 221-26686
wirtschaftsfoerderung@stadt-koeln.de · www.stadt-koeln.de · www.stadt.koeln

ENCONTRO ECONÔMICO
BRASIL - ALEMANHA
DEUTSCH-BRASILIENISCHE
WIRTSCHAFTSTAGE 2015



No paraíso das pipas



Os amantes de Kitesurf não são os únicos apaixonados pelo nordeste brasileiro. Nas dunas de „Jeri“, surfistas de areia também encontram ótimas condições

SOLVEIG FLÖRKE

Pipas coloridas e velas por todos os lados: a temporada de kitesurf no Brasil está a todo vapor e em muitos lugares durante o ano todo. Cada vez mais pessoas visitam o Brasil nas férias para a prática deste belo esporte radical que mescla elementos do surf, do voo livre e do esqui, tudo em um só. Não faltam lugares para a prática do kitesurf no Brasil, o que não se estranha pelo fato de possuir 8000 km de costa marítima. As condições ideais para o esporte existem no nordeste do país. A prática, que no estado da Bahia está apenas se iniciando, se torna frequente quanto mais se próximo do Estado do Ceará. Aqui, tanto os iniciantes como os experientes surfistas de kite praticam o esporte, deixando-se puxar por uma pi-

pa em cima de uma prancha. Mesmo que demore um pouco até que se adquira a técnica que consiste em uma combinação de vento, água, surf e velocidade, os surfistas de pipas dirigíveis vivem uma diversão sem limites. A notícia boa para os kitesurfistas da Europa é que para Fortaleza, capital do Ceará, são apenas 10 horas de voo. De lá segue-se, por exemplo, a Cumbuco, onde aproximadamente 400 km de praias de areia dourada os aguardam.

Isto porém não serviria para nada, pelo menos não para a prática do Kitesurf, se não se tivesse um vento perfeito e constante. É exatamente este vento que procuram os surfistas de kite do mundo inteiro e aqui o encontram - de maio a dezembro, com temperaturas agradáveis e constantes. Dependendo da maré, a praia de Cumbuco tem uma largura de 30 a 100 metros, e as palmeiras

forneem o cenário tropical perfeito para agradar os turistas. Frode Hernes, um turista da Noruega, há dez anos frequenta o Ceará para a prática do Kitesurf, pois para ele não há melhor lugar para andar a 50km/h sobre a água: “Aqui é o melhor lugar do mundo para o kitesurf”, diz ele entusiasmado. Durante uma semana inteira, o engenheiro de informática se esbalda em seu paraíso pessoal de surf.

Mano Haupp permanece mais tempo ainda em Cumbuco para o Kitesurf, porém, para trabalhar. O brasileiro do sul do país é professor de Kitesurf. Durante o período em que sua escola em Porto Alegre fecha nos meses de inverno, passa a ensinar a prática no Nordeste, onde a temporada dura o ano todo. “Fico até setembro. Mesmo com as despesas do voo e da estadia, vale a pena para mim dar aulas aqui”, diz.

Cerca de 5 km ao norte de Cumbuco, outra delícia espera pelos amantes da água: a Lagoa Cauípe é um lago de água doce separado do mar por uma praia de areia branca. Aqui os não-surfistas de kite podem nadar ou se banhar em um ambiente espetacular. Cerca de 270 km ao norte de Cumbuco encontra-se Jericoacoara. Envolta em dunas, “Jeri”, como é carinhosamente chamada pelos nativos, parece um oásis rodeado por areias tão vastas, que parecem infinitas. Desde 1984, a vila de pescadores, assim como toda a região, foi transformada em área de proteção ambiental. Não há ruas pavimentadas nem prédios altos por aqui, motivo pelo qual Jeri pôde conservar até agora o seu charme espe-

Quem quer tirar férias em locais dignos de cartão postal, irá encontrar o lugar certo no nordeste do Brasil. Para os amantes de praias paradisíacas, atividades esportivas ou de lugares românticos, a região oferece excelentes opções

cial. Pousadas carinhosamente montadas, bem como hotéis elegantes, restaurantes e bares, oferecem a infraestrutura necessária para férias agradáveis. A pequena vila, completamente construída sobre areia, é um dos lugares mais apreciados pelos kitesurfistas experientes que apreciam as conexões para as lagoas localizadas ao norte.

Para os que preferem lugares mais tranquilos, a vizinha Prêa é o lugar adequado. Neste pequeno vilarejo a maioria

das pessoas vive da pesca e do turismo, porém os turistas que apreciam grandes festas não as encontrarão aqui, uma vez que em Prêa a vida é pura tranquilidade: um posto de gasolina, alguns bares administrados por pessoas locais, muitos barcos de pescadores e pequenas vendinhas para as compras do dia a dia – é só isto. Condições ideais para relaxar e se sentir à vontade. É possível observar o céu noturno durante horas, que oferece uma vista magnífica com sua intensidade de estrelas brilhantes.

Ao longo da costa do nordeste também encontram-se muitas pessoas que, de forma muito consciente, deixaram as grandes metrópoles como São Paulo ou o Rio de Janeiro para trás e iniciaram uma nova vida nas pequenas vilas desta região - sem engarrafamentos e sem estresse. Há três anos, Zilda e Oswaldo fizeram as malas e partiram em direção ao nordeste. Os dois aposentados não aguentaram mais a vida em São Paulo. Em vez disso, procuraram mais qualidade de vida no estado da Paraíba. O plano parece ter dado certo: “É realmente diferente aqui. O sol brilha, e é nossa vitamina D diária. Os meus ossos não doem mais, me sinto bem mais sadia”, diz Zilda. E o Oswaldo? “Estou em forma. Todo dia a gente passeia pela praia, a comida é saudável e fresca e eu tenho bem menos preocupações. O ritmo é outro.” Os dois, com idade acima de 60 anos, não pegam nas velas do Kitesurf, mas praticam Pilates, enquanto observam os surfistas de kite com seus malabarismos de estilo livre.

As lembranças trazidas por „Beagá“

Para muitos, a capital mineira é sinônimo de queijo, céu azul e futebol

SOLVEIG FLÖRKE

Se perguntarmos a um alemão o que lhe vem à cabeça quando falamos a sigla BH, certamente ela responderá: tamanho de busto, roupas íntimas, mulheres? Isso está claro, pois na língua alemã as duas letras abreviam a palavra sutia. E para um brasileiro? A capital do Estado de Minas Gerais, Mineirão ou 7? Claro! No Brasil sabemos que se trata de um diminutivo popular para o nome da cidade de Belo Horizonte. Quando a conversa é sobre “Be-agá”, todos sabem que se trata da metrópole situada no sudeste do Brasil com um céu azul e brilhante durante quase todo o ano. Para muitos outros, em 2014, as nuvens feitas ovelhinhas brancas no azul claro do céu sobre o estádio “Mineirão” não alteraram em nada o fato de que o dia 8 de julho se tornou o dia mais difícil da história do futebol brasileiro. A seleção alemã venceu, na semifinal da copa do mundo, por 7 a 1 a seleção brasileira.

Para a orgulhosa nação do futebol foi uma catástrofe. O médico veterinário Fernando Pimenta estava no estádio na ocasião. Ele ainda lembra muito bem da atmosfera do jogo: “Foi como num enterro”, ele diz. “Quando caminhávamos para a saída do estádio, ao final da partida, ninguém pronunciava uma palavra. Foi triste como um velório”. Por causa disso a expressão “7 a 1” tornou-se uma expressão corrente, parecida com o que os alemães chamam de uma “Waterloo”, uma derrota pessoal.

Ao lado desta recente associação de BH com a perda por 7 a 1 para a Alemanha, existe também referências tradicionais. Uma delas é a culinária. Sobre Minas pensa-se, em primeiro lugar, no conhecido queijo-mineiro, o típico queijo brasileiro. É um queijo branco como a neve, macio, úmido, fresco e redondo. Existe cerca de 3 mil

piadas no Brasil que se relacionam ao queijo e às pessoas de Minas Gerais. Realmente tanto o queijo como também o “pão de queijo” conquistaram o seu lugar em todo o país. Na capital há também fantásticos restaurantes que oferecem sobretudo saborosos pratos à base de carne.

Quem chega pela primeira vez a Belo Horizonte logo percebe as ruas com suas subidas e decidas. Sempre se vai para cima e para baixo nesta cidade muito montanhosa de quase três milhões de habitantes. Embora a princípio fosse uma cidade belamente planejada, com ruas organizadas em um padrão parecido com um tabuleiro de xadrez e avenidas principais em diagonal, percebe-se que não é mais assim.

Belo Horizonte cresceu rápido demais nos últimos 50 anos e mesmo agora ainda chegam muitas pessoas da zona rural. Isto causou um grande problema de infraestrutura para a cidade. Para se locomover aqui, deve-se aceitar engarrafamentos ou

se utilizar de diversos desvios. Muitas vezes é melhor ir a pé de A a B do que de automóvel. Isto vale principalmente para o centro da cidade.

Nesta região, o velho Mercado Central é considerado uma das atrações principais com muitas opções. Lá os visitantes encontram animais vivos e mortos, brinquedos de madeira, utensílios de metal, roupa, bijuteria e sapatos. O movimento no mercado parece o de um bazar e não tem nada a ver com a calma que se encontra no bairro nobre da Pampulha, onde existe uma mansão chique ao lado da outra. Bom, não é bem assim, porque há muitos terrenos vazios entre elas, onde dedicados trabalhadores mantêm tudo organizado. Além disso, existe um lago, onde há uma inconfundível igreja projetada por Oscar Niemeyer. “Rezar não adiantou” diz Fernando Pimenta, para mais uma vez voltar a lenda da derrota da seleção brasileira. Foi aqui bem perto.



Projetada em 1943 pelo arquiteto Oscar Niemeyer, a igreja de São Francisco de Assis está localizada na Pampulha, um dos bairros nobres da capital mineira.